

Reuniões como essa dividem o Ministério?

Sobre a reunião de sábado com o presidente José Sarney, o economista Antônio Carlos Gonçalves, da FGV, disse que "o presidente está criando um Ministério paralelo, diminuindo o poder de alguns ministros, e isso favorece uma situação de falta de unidade das decisões".

Para Gonçalves, o debate deveria ser mais público, já que o setor econômico não pode ser entregue a dois ministros com duas opiniões diferentes sobre os assuntos econômicos que envolvem o Brasil, sobretudo dívida externa e inflação. O economista entende que a solução não seria aumentar os impostos para combater a inflação, conforme deu a entender o próprio presidente após a reunião. O conceito de dívida pública não está sendo medido corretamente. Com o aumento dos impostos, e a correção cambial, vai aumentar ainda mais a recessão, que não é o melhor modo de diminuir a inflação.

Já o economista Carlos Brandão, presidente da Andima, afirmou que o mais importante é o centro de decisões ficar com o presidente, e não se diluir. Como o ministério não foi montado por Sarney, mas por Tancredo Neves, Brandão só acredita em segurança e firmeza de ação na política econômica se o presidente centralizar as decisões em sua autoridade. Ele considera que as consultas a políticos e economistas seriam outro caminho, para compensar um ministério que disputa opiniões muito divergentes na área econômica.

— Os profissionais consultados e os ministros podem pensar o que quiserem, porque têm de obedecer ao presidente.

Para Cláudio Haddad, ex-diretor do Banco Central, o governo precisa conversar menos e trabalhar mais. Disse que com essa reunião o governo criou um ambiente que aumenta ainda mais a confusão na área econômica, perdendo tempo:

— É válido ouvir opiniões diferentes, mas é necessário alguém que defina rapidamente uma política econômica. O governo precisa concretizar, especificar mais essa política: todos sabem que os impostos terão de ser aumentados, mas quais serão, quanto isso vai representar em redução do déficit público, quanto vai precisar para cobrir a parte remanescente (emitir moeda e títulos).

Haddad lembra ainda a citação de Keynes: "Quando se juntam cinco economistas numa mesa, há seis opiniões diferentes".

O economista Carlos Lessa, professor da UFRJ, afirmou que a reunião foi muito positiva, mostrando um procedimento democrático:

— O presidente precisa de segurança diante das controvérsias existentes em seu Ministério. É uma inovação na vida política brasileira, que revela o estado de profunda dúvida que atravessa a administração pública, encontrando-se perplexa diante da situação econômica legada pelos governos anteriores.